

Meditações: Sexta-feira da 6ª semana do Tempo Comum

Reflexão para meditar na sexta-feira da 6ª semana do Tempo Comum. Os temas propostos são: Jesus traz luz no sofrimento; Deus correu o risco da nossa liberdade; unir a nossa vida à cruz de Cristo.

- Jesus traz luz no sofrimento
 - Deus correu o risco da nossa liberdade
 - Unir a nossa vida à cruz de Cristo
-

APÓS A CONFISSÃO de fé de Pedro, e depois de anunciar a sua Paixão e Morte, Jesus quer instruir sobre o significado da dor na nossa vida. É verdade que o Filho de Deus ainda não tinha passado pela Cruz, mas já podia falar dela. Congrega os seus discípulos. Muitas outras pessoas se aglomeram para ouvi-lo. “Se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga. Pois quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la” (Mc 8, 34-35).

Não existe vida cristã que não passe através da cruz. Na realidade, não existe vida sobre a terra que possa evitar fadigas e sofrimentos; todos experimentamos de perto, na nossa própria vida, a presença do mal, assim como a própria fragilidade e debilidade, como consequência do pecado. Sabemos, contudo, que, ao princípio, as coisas não eram assim.

E essa harmonia foi a que Cristo quis, de certo modo, restabelecer, mas sempre respeitando a nossa liberdade de lhe abrir ou não a nossa alma.

“A Cruz de Jesus é a Palavra com que Deus respondeu ao mal do mundo. Às vezes parece-nos que Deus não responde ao mal, que permanece calado. Na realidade, Deus falou, respondeu, e a sua resposta é a Cruz de Cristo: uma Palavra que é amor, misericórdia, perdão. É também juízo: Deus julga amando-nos. Lembremo-nos: Deus julga amando-nos. Se acolho o seu amor, estou salvo; se o recuso, estou condenado, não por Ele, mas por mim mesmo, porque Deus não condena, Ele unicamente ama e salva. A palavra da Cruz é também a resposta dos cristãos ao mal que continua a agir em nós e ao nosso redor. Os cristãos devem responder ao mal com o bem,

tomando sobre si a cruz, como Jesus”^[1].

QUANDO São JOSEMARIA contempla a cena da Via Sacra em que Jesus é condenado à morte, considera a capacidade que, nós, humanos, temos de aceitar ou não os seus desígnios, a nossa possibilidade de “dar curso” de modos muito diversos ao amor de Deus por nós: “Vão longe os dias em que a palavra do Homem-Deus punha luz e esperança nos corações, as longas procissões de doentes que eram curados, os clamores triunfais de Jerusalém à chegada do Senhor, montado num manso jumentinho. Se os homens tivessem querido dar outro curso ao amor de Deus! Se tu e eu tivéssemos conhecido o dia do Senhor!”^[2].

“É um mistério da Sabedoria divina que, ao criar o homem à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26), Ele tenha desejado assumir o risco sublime da liberdade humana”^[3]. “Esse risco, desde o início da história, conduziu efetivamente à rejeição do Amor de Deus”. Mesmo assim, a liberdade “continua a ser um bem essencial de cada pessoa humana, e deve ser protegida. Deus é o primeiro a respeitá-la e amá-la”^[4].

Considerando o decorrer da história humana, pode surpreender que, na própria origem, a pessoa tenha tomado livremente um caminho afastado da confiança no amor de Deus. Poderíamos até alguma vez pensar que seria melhor não ter “tanta liberdade” vendo como nos prejudicamos a nós mesmos. De fato, quando vemos que uma pessoa próxima não se dirige a um bom caminho, muitas vezes gostaríamos de levá-la em outra direção. É bom

olhar para Deus e descobrir porque nos fez tão livres: a grandeza do risco que Ele assume mostra por sua vez o tamanho do dom que é oferecido; só a partir da força da nossa liberdade pode surgir um amor verdadeiro que nos conduza à felicidade.

“SABEMOS QUE, na realidade, não falta nada à imensa eficácia do sacrifício de Cristo. Mas o próprio Deus, em sua Providência que não conseguimos entender completamente, quer que participemos da aplicação da sua eficácia. Isto é possível porque Ele nos fez participar da filiação de Jesus ao Pai, pela força do Espírito Santo: ‘E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados’ (Rm 8, 17)”.^[5]

Do lado aberto de Cristo na cruz brotam os sacramentos da Igreja: ali está o maior tesouro de graça. Podemos também nos unir pessoalmente à cruz de Jesus oferecendo tudo o que fazemos, unindo cada ação ao sacrifício de Cristo, convertendo toda a nossa vida em uma Missa. Do mesmo modo, “sempre que, bondosamente, vamos ao encontro de alguém que sofre, alguém que é perseguido e inerme, partilhando o seu sofrimento ajudamos a levar a própria cruz de Jesus. E assim obtemos salvação, e nós mesmos podemos contribuir para a salvação do mundo”^[6].

Todos os santos deixaram crescer esta proximidade da cruz na sua vida. “Quer a Cruz. Quando de verdade a quiseres, a tua Cruz será... uma Cruz sem Cruz. E, com toda a certeza, tal como Ele, encontrarás Maria no caminho”^[7].

^[1] Francisco, palavras a seguir à Via Sacra no Coliseu, 29/03/2013.

^[2] São Josemaria, *Via Sacra*, 1.^a estação.

^[3] São Josemaria, *Cartas* 37, n. 3.

^[4] Mons. Fernando Ocáriz, Carta pastoral, 9/01/2018.

^[5] Mons. Fernando Ocáriz,
Mensagem, 20/09/2021.

^[6] Bento XVI, *Via Sacra*, Meditação, 5^a estação, 2005.

^[7] São Josemaria, *Santo Rosário*, 4.^º mistério doloroso.

meditacoes-sexta-feira-da-6a-semana-
do-tempo-comum/ (20/01/2026)